

# O corpo fala? <sup>1</sup>

José Ângelo Gaiarsa

*São Paulo, SP, Brasil*

**Resumo** - Se o corpo não falasse a palavra não teria sentido. Seria como a fala de um robô, absolutamente sem expressão. Fala do hemisfério esquerdo! A interpretação do que fosse dito seria tão incerta quanto a interpretação de um texto. Seria pior: no escrito há sinais que indicam inflexões que um robô não reproduziria. Exclamações, vírgulas, interrogações, reticências e mais não são reproduzidas pelo robô. É falso que as palavras têm sempre o mesmo sentido – ou poucos sentidos (os do dicionário). Mais falso ainda que elas serão sempre entendidas do mesmo modo por várias pessoas – de qualquer idade ou classe social, em várias circunstâncias, em várias épocas. Cada ser enfático, pois os preconceitos em contrário são muito fortes: a semântica inteira (o significado das palavras!) depende do não verbal, da expressão do rosto, do tom da voz, dos gestos, da atitude, do tema em discussão, das circunstâncias e dos interlocutores.

**Palavras-chave:** corpo, comunicação não-verbal e expressão corporal.

## *The body speaks: Reflections on body language*

**Abstract** - The body speaks: Reflections on body language Without body language, words wouldn't have meaning. With absolutely no expression, spoken words would sound like robot speech. The interpretation of a text, for example, might be unclear. In written text, signs and symbols exclamations, commas, question marks, and so on indicate inflexions. It is false to assume that words always have the same meaning or only a few meanings (as in the dictionary). It is also false to assume that people of different ages, generations and social classes understand words in the same way. One must learn to be empathetic about these issues, because speech and body language can result in prejudice. The semantic (meaning of words) depends not just on the spoken word, but upon the non-verbal: facial expressions, gestures, tone of voice, attitude, theme, circumstances and speaker.

**Key Words** - body language; non-verbal communication, body expression.

Se eu não tivesse aprendido a ver com Wilhelm Reich o seguinte ensaio não poderia ter sido escrito. Até então o psicanalista limitava-se a ouvir relatos do paciente deitado no divã e fora do campo visual do terapeuta. Este limitava-se a ouvi-lo e a tentar correlacionar o que ouvia com o momento e com sua história a interpretar os relatos. Reich foi o primeiro que, frente ao silêncio do paciente, começou a observá-lo e então fez a descoberta do evidente: cada paciente fica em silêncio a seu modo, em certa atitude, com certas expressões no rosto...Levado pelo seu condicionamento como interprete, começou a perceber que **cada modo de estar em silêncio podia significar tanto quanto uma declaração verbal** momento fundamental de mudança de paradigma!

Não sei de comentaristas ou críticos que se deram conta do significado dessa mudança no foco da atenção

do terapeuta. A diferença essencial entre Freud e Reich pode ser resumida assim: Freud apenas **ouvia** e Reich começou a **olhar** para o paciente. Ou também: Freud limitava-se a ouvir e interpretar a comunicação verbal, ao passo que Reich passou a ver e a interpretar a comunicação não-verbal.

A diferença é muito maior de tudo o que se possa imaginar e é só disso que cuida todo este ensaio.

### *Minha experiência*

Muito do que se segue contraria preconceitos profundamente enraizados na cultura em qualquer cultura e na própria ciência. Afirmando, generalizando achados e análises de Reich, que o inconsciente está “por fora” é visível; que é impossível disfarçar, que ninguém esconde nada de ninguém.

As pessoas têm bem pouca familiaridade com seu aspecto exterior, com suas faces, gestos e atitudes corporais. **Estranham demais sua aparência ao se verem gravadas em vídeo.** Isto é, elas não sabem o que exprimem ou manifestam corporal e facialmente,

<sup>1</sup> Artigo da conferência a ser apresentada durante o III Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e IX Simpósio Paulista de Educação Física, na cidade de Rio Claro, Estado de São Paulo, Brasil, durante os dias 30 de abril a 3 de maio de 2003.

pouco percebem ou sabem de sua Couraça Muscular do Caráter noção central para Reich.

A Couraça é todo o esforço (muscular) que a pessoa faz aqui-e-agora afim de não mostrar de disfarçar o que pretende, o que deseja ou o que sente. Mas paradoxo! só consegue disfarçar eficazmente para si mesma porque não se vê. Porque não vê o que está mostrando!

### *Experiências pessoais*

A maior parte das afirmações contidas no texto estão fundamentadas em duas categorias de experiências pessoais. Em grupos de estudo fazíamos “Leitura corporal com auxílio de vídeo”.

Gravávamos em vídeo um dos companheiros enquanto eu fazia algumas perguntas sobre sua família, seu passado, profissão, inclinações durante **8 a 10 minutos**. Depois filmava sua marcha e sua postura de frente, nos dois perfis e de costas. Em seguida, gravava as duas metades do rosto, direita e esquerda e, enfim, a metade de cima (olhos/frente) e a de baixo (queixo e lábios). Projetávamos depois o teipe, várias vezes, em velocidade normal, em câmara lenta, em câmara acelerada, quadro a quadro, comentando, ouvindo pareceres do grupo, fazendo perguntas ao sujeito. Em casos felizes conseguíamos nessa única hora reconstituir quase todos os personagens (identificações) e episódios significativos da vida do companheiro!

A repetição de gestos, faces e atitudes (a Couraça) tornava-se patente. Esta técnica não existia ao tempo de Reich e, de outra parte, ela é perfeita para mostrar “objetivamente,” tudo o que ele descrevia em seus casos clínicos. Com a vantagem fundamental de poder repetir a “realidade” de um momento quantas vezes quisermos, inclusive em câmara lenta, para evidenciar o que vimos ou o que pretendemos mostrar. Fico espantado pelo fato deste recurso tão “objetivo!” ser tão pouco usado em escolas de Psicologia e na formação de terapeutas.

Além desta experiência havida durante mais de **quatro centenas de horas ao todo**, conto com muitos milhares de horas de observação clínica atenta face-a-face com os clientes. Tenho meio século de consultório de Psicoterapia, com 6 a 8 horas de atendimento por dia. De 1955 a 1970 (aproximadamente) li Reich extensa, atenta e muitas vezes ansiosamente. Precisava de suas luzes no cotidiano! Dadas as suas noções de Couraça Muscular e de transferência negativa latente, apurei acentuadamente minha capacidade de observar faces e gestos, assim como de ouvir tons de voz (e não apenas as palavras).

Preciso repetir: o que se segue contraria frontalmente quase tudo o que aprendemos desde muito cedo e que nos é repetido constantemente. Ouvimos que é possível esconder ou disfarçar emoções e intenções, mascarar o “íntimo.” Ouvimos também que não podemos acreditar em nossas “intuições” e impressões quando em diálogo com o outro.

A Ciência, por sua vez, na impossibilidade de fazer estatísticas e estabelecer padrões nesta área, também confirma estas dúvidas.

### **Introdução ao tema central**

*Falar falar palavras o corpo obviamente não fala.*

Ele é um “infante,” termo que significa precisamente “que não fala”. A mesma raiz etimológica deu origem, também, aos termos infância e infantaria o grupo daqueles que arriscam a vida na batalha mas não têm o direito de falar. Note-se a semelhança desses termos.

Falar o corpo não fala, mas é claro que ele se exprime. Ele sinaliza intenções, mostra emoções, assume atitudes, faz mil gestos e mil caras. **Não faria nada disso se faze-las não tivesse alguma função.**

Estou me referindo é claro à linguagem corporal, a mais primitiva forma de comunicação entre os animais. Portanto, se for verdade que “quanto mais antigo mais profundo,” a linguagem corporal é então o mais profundo dos meios de comunicação, tanto entre animais como entre seres humanos. Na certa, é o fundamento e o complemento da comunicação verbal.

Vantagem evidente da linguagem corporal sobre a linguagem verbal: além de ser evidente (isto é, visível) ela é, por isso mesmo, muito veloz, tanto na sinalização como no mudar os sinais. Rostos humanos podem mudar de expressão em fração de segundo. Na verdade, em um décimo de segundo como já foi medido. Insistindo: nenhuma palavra poderia ser dita em um décimo de segundo, muito menos uma frase.

### *As peculiaridades expressivas do tom da voz*

O **tom da voz** faz parte da comunicação não-verbal sendo, ao mesmo tempo, o próprio corpo das palavras que são exatamente isso: sons articulados. A palavra exige que o som seja articulado (é sua essência), mas a palavra não obriga o som a ser grave ou agudo, intenso ou suave, vibrante ou surdo, curto ou longo. Posso cantarolar sem palavras (só som) como posso dizer as mesmas palavras com músicas vocais bem diferentes. Ou sem música nenhuma como os robôs!

E o principal: a palavra é a própria mensageira de inteligência enquanto **o tom da voz é o mensageiro da emoção-do** “coração” diriam muitos.

### *O peito - Templo da divindade*

A voz nasce no peito reunindo em si o espírito (a palavra) e a alma (a emoção e o sentimento).

Reunindo o pulmão, órgão de nossa relação com o invisível vital, o ar; e o coração, o motor e relógio da vida...

### *Quem vê cara não vê coração*

Se o corpo exprime tanto, tão clara e tão rapidamente, porque se tornou popular a noção: “quem vê cara não vê coração?” Porque, muito mais e muito pior, as ciências sociais e a Psicologia ignoram (ou negam) tão sistematicamente a linguagem corporal? Pouco e nada li até hoje sobre a influência do olhar nos relacionamentos humanos, e em dezenas de escolas de Psicologia espalhadas por todo o Brasil, onde fiz palestras, nunca ouvi da existência de uma aula sobre a importância do olhar na comunicação entre as pessoas.

É o olhar que capta a maior parte da comunicação não verbal do interlocutor, constituída de faces, gestos e posições corporais. **Portanto, negar o olhar é negar o que ele vê as manifestações corporais que acompanham as palavras.** Negar o olhar é mutilar irreparavelmente a comunicação o relacionamento entre as pessoas.

Este fato, bem ponderado, é deveras espantoso, e terei de dar muitas voltas por muitas áreas a fim de tornar claro esse paradoxo: porque o mais evidente (evidente=visível) nos relacionamentos humanos é tão sistematicamente omitido, ignorado ou ostensivamente negado? No campo jurídico, caras, gestos e tons de voz não são aceitos como prova de nada. “Cara de assassino” ou “cara de ódio” nada significam...

### *A cegueira frente à evidência*

A palavra “evidência” é tão central e figura tantas vezes nos textos científicos, que a maior parte das pessoas não se dá conta de que “evidência” significa “visível”. “Evidente” significa “que pode ser visto”!!! Nem se dão conta do implícito: se pode ser visto então existe, é real, é indiscutível...Se não pode ser visto (se não for evidente) então não existe...

Estranho paradoxo: negamos o olhar e depois atribuímos a ele principalmente a ele a capacidade de “decidir” se um fato ou objeto é real ou não!

Vamos começar a desvendar o mistério:

### **“É crime criticar sua majestade”**

Esta frase é um decreto do ano 221 a.C, promulgado pelo Primeiro Imperador da China, Chi Huang-Ti.

Ele foi o primeiro tirano da China. Tão fácil, depois desse decreto modelar e de todo explícito, compreender porque suas Majestades são todas tão perfeitas.

O que cabe a todos nós, simples mortais, é o temor reverencial e **todo o cuidado em jamais dizer o que estamos vendo na Autoridade.** A primeira Autoridade foi Chi Huang-Ti, e depois o Faraó, o Rei, Bush, Hitler, Stalin, o Papa, o Capitalista, o Banqueiro, o Industrial, o Patrão, o Professor Universitário, o Padre, o Juiz, a Mãe, o Pai...Do personagem social podemos dizer o que quisermos, mas frente ao indivíduo concreto no qual o personagem está encarnado jamais. Ninguém ousaria dizer a João de Deus que ele já está velho demais...

Frente aos poderosos e até frente ao amigo ou à namorada dizer o que estamos vendo é muito perigoso.

**Será que o corpo não fala, ou será que a ninguém é permitido falar sobre o que o corpo está “dizendo?”**

### *A versão infantil do imperador*

“O Rei está nu”, é frase que se ouve aqui e ali mas cuja origem é mal conhecida pela maioria.

Certo Reizinho era por demais vaidoso e, ao ouvir de dois espertalhões que seriam capazes de produzir um tecido e fazer um traje mágico de indizível beleza, empenhou 90% do Tesouro Nacional no pagamento da raridade. O poder mágico do tecido consistia nisso: só pessoas de extremado bom-gosto conseguiriam vê-lo. Teares vazios, afã de costurar o inexistente, medidas inúteis e, ao final da historia o Rei desfilou nu na rua e todos se maravilhavam frente a tanta beleza. Até que uma criança disse o que todos estavam vendo- “O Rei está nu!”. A Historia não diz o que aconteceu depois – nem com a criança...É crime criticar sua Majestade!

### *Autoridade da coletividade*

Mas não bastava a perfeição de sua Majestade (mais a ameaça de tortura) para silenciar a...oposição, para impedir que qualquer um descrevesse para Sua Alteza suas caras e suas atitudes! O bigodinho de Hitler, por exemplo! Ou seus gestos de polichinelo espasmódico ao discursar.

Era preciso que ao medo de todos fosse somada a fala de todos. Em forma modelar, Howard Bloom (2000) resumiu o assunto em uma frase: “A realidade de cada lugar e de cada época é uma alucinação coletiva”. Todos são obrigados a ver as mesmas coisas **a dizer** que estão vendo as mesmas coisas. E se alguém disser estar vendo algo que ninguém mais diz estar vendo, ou é um louco ou um herege...Galileu, por ex.

### *Harmonia cósmica*

Se todos estão vendo as mesmas coisas ou dizendo que estão vendo e se todos dizem que essas coisas sempre foram assim, então existimos em um maravilhoso mundo Newtoniano onde tudo se repete, ou onde tudo é sempre igual e portanto tudo é previsível. Ficam excluídas desse modo quaisquer novidades, surpresas ou inesperados. Segurança Máxima todos prisioneiros do passado e condenados a repeti-lo pelos séculos dos séculos. Transferência Eterna...

A versão erudita diz: a sociedade é essencialmente conservadora. Mamãe ensina o que é certo e o que é errado. A Igreja ensina o que é virtude e o que é pecado. A Lei diz o que é crime e o que é permitido. O Capitalismo diz que se dá lucro está certo e assim por diante. As Majestades, pois, são várias: A Coletividade, a Família, a Escola (o Professor e o Programa), nossas Sagradas Tradições Sociais e Religiosas, o Patrão, o

Trabalho (a sobrevivência) e, por fim, todas as falas dos papéis/danças/coletivas toda a Liturgia Social. E mais: todos vigiam a todos para que todos façam “como se deve”, “como é adequado”!

### *Força e segurança*

A Liturgia da Uniformidade Social existe para alimentar ao mesmo tempo a ilusão de segurança e a ilusão da força. Se todos fazem assim e se “sempre se fez assim” então deve ser verdade e ai de quem não concordar.

De outra parte, se todos fazemos igual a mesma dança e a mesma cantoria então cada um sente em si a força de todos. Somos poderosos e nada poderá nos vencer! Estaremos seguros (segurança) e seguros (presos)!

Mas os indivíduos são...evidentemente (visivelmente!) diferentes uns dos outros, nas expressões de rosto, nos gestos que fazem, nos olhares, nos tons de voz. Peçaamos a 5 pessoas que digam a mesma frase e obteremos 5 músicas-gestos-faces diferentes e cada uma delas, ao dizer **as mesmas palavras** estará comunicando 5 **significados diferentes!**

Somos sempre diferentes, mas como estamos todos proibidos de denunciar as diferenças o não-verbal então apenas ouvimos e repetimos as palavras estas sim, sempre iguais e ditas sempre do mesmo modo (preconceitos, condicionamentos, frases feitas, lugares comuns).

Estou procurando mostrar, insistentemente, que falar não é apenas emitir sons articulados, mas é também se pôr, colocar-se, assumir atitude, fazer gestos, caras. **O corpo todo fala.**

### *Como é o começo?*

O neonato “dança” faz vários pequenos movimentos em várias partes do corpo ao som das palavras que lhe chegam aos ouvidos (associação palavra-movimento do corpo). Depois, durante dois a 4 ou 5 anos, as palavras estão, em sua maioria, ligadas a movimentos “na direção de,” seja movimento apenas dos olhos, seja no das mãos ou do corpo todo. A resposta dos próximos, grande parte das vezes, é “não!” E o gesto, o movimento, se detém ou se transforma em atitude crônica de contenção.

É assim que é gerada a Couraça Muscular do Caráter de modo de todo não-verbal ou de todo corporal.

### *Comentários esclarecedores*

Os estudiosos do comportamento corporal durante o diálogo com auxílio de vídeo ou filmes criaram a expressão “micro-expressões” (prefiro “micro-dicas”). Eles se referem a vários pequenos e rápidos movimentos que pessoas em diálogo fazem, sincronizados com o som ou os gestos da fala do outro.

É tanto o sincronismo quando os dois estão interessados no tema e interessados um no outro que os eletroencefalogramas sincronizam suas ondas.

Um dos enigmas da leitura corporal com auxílio do vídeo são essas micro-dicas, cuja duração pode ser de um décimo de segundo. Difícil acreditar que elas sejam percebidas pelos interlocutores! Então porque existem? Qual sua função?

### *A vida é luta renhida...*

Depois que os seres vivos aprenderam a se alimentar uns dos outros, a nenhum deles é permitido viver distraído. É preciso estar sempre alerta pois o encontro vital ou mortal foi se refinando a níveis inimagináveis. Assisti a um vídeo sobre a caçada da vida no Discovery Channel, onde os movimentos de ataque ou fuga eram cronometrados e eram espantosamente rápidos centésimos e até milésimos de segundo!

Será que estes fatos não explicam as micro-dicas? Será que nossas convicções, a de que as expressões não-verbais nada significam, não faz parte da repressão socialmente compulsória e de certo modo universal da agressividade?

O melhor negócio do mundo são pesquisa, produção, venda e contrabando de armas! No século XX ocorreram mais de cem conflitos armados. Nos países em desenvolvimentos é bem sabido um dos maiores problemas é a violência. Nos EE.UU também...Será que no cotidiano nada disso existe? Rivalidade, competição, auto-afirmação, autodefesa, agressão indireta (verbal!), ironia, pouco-caso, desprezo, despeito...

Será que nada disso aparece? Ou fizemos um “gentlemen agreement” de manter tudo isso em silêncio, de fazer de conta de que nada disso existe, de nunca dizer o que estamos vendo na face, nos gestos ou nos tons de voz do outro?

Também o amor é difícil em nosso mundo e tentamos “disfarçar-lo” tanto quanto a agressividade ou o medo.

### *Restrições existentes à leitura corporal proposta*

Tanto em Psicologia quanto na vida cotidiana as afirmações feitas nesse texto são postas seriamente em dúvida e vou analisar algumas das objeções.

Começo com as científicas. A ciência é estatística e se de um conjunto de fatos nenhuma estatística pode ser feita se nenhum “padrão” pode ser isolado ou descrito aqueles fatos não podem ser considerados científicos. Hoje há estudos dessa ordem na área das expressões faciais e com alguns resultados mas na verdade eles não me interessam como clínico (nem como pessoa). Como tudo o que é estatístico, neles a individualidade desaparece por definição!

Poucas realidades psicológicas são tão evidentemente individualizadas quanto a comunicação não verbal. Repito: a “mesma” frase dita por 5 pessoas diferentes comunica 5 significados diferentes. Bem compreendido este fato ele compromete seriamente a própria noção de palavra. Segundo a Linguística, a lógica e a gramática, é essencial à definição da palavra a constância de significado. Segundo o Dicionário, a mesma palavra designa sempre a mesma coisa para todos. A análise da comunicação não-verbal prova que essas duas afirmações podem ser seriamente contestadas.

### *Leitura corporal com auxílio de gravação em vídeo*

Volto ao tema (leitura corporal) para examina-lo de outro ângulo. Em grupo como fazíamos um companheiro era visto por vários outros, cada uma com sua ótica, o que enriquecia demais o estudo. Porque é inegável que ninguém vê “tudo” de ninguém e muito menos a um só exame, ou de uma só vez.

A cada momento ou em cada situação, as pessoas mostram com maior nitidez uma ou outra de suas identificações, de seus desejos e de seus disfarces.

**Esta variedade de expressões está ligada à relação entre a pessoa que está sendo vista e a que está vendo.**

Reich, levado pelo autoritarismo da Psicanálise, da Ciência e da época, omitiu a volta! Quero dizer: se é verdade que o paciente mostra muito de si nos seus gesto, faces e atitudes, é igualmente verdade que o terapeuta (o observador) também mostra!

Esse o dilema: **em relação ao não verbal, não há observador e observado**. Os dois são uma coisa e outra. O que o observador observa (sigamos a linguagem estabelecida) está inexoravelmente ligado ao que o observado está vendo nele!

Esse é o nó da questão a negação do relacionamento inevitável entre dois interlocutores. O terapeuta “deve” manter uma “atitude neutra.” A imobilidade do terapeuta (único sentido claro do termo) é percebida pelo paciente como inacessibilidade, distância, desinteresse!

Consequência: impossível estudar comunicação não verbal sem reconhecer que o experimentador faz parte e co-determina o resultado da experiência.

Tivemos que desmontar o átomo para chegar à mesma conclusão (Princípio de Incerteza, de Heisenberg)!

Portanto, reformulando e concluindo o que dissemos até aqui: mostramos todo o nosso íntimo o tempo todo, mas aspectos especiais se tornam mais evidentes para certas pessoas em certas circunstâncias ou em certos ambientes.

Exemplificando de modo esquemático: se me vejo ante alguém que me parece ameaçador, exaltam-se em mim (tornam-se mais aparentes) minhas atitudes de medo, meu “encolhimento”, minha cautela.

Se percebo alguém como acolhedor, desfazem-se em mim as atitudes de prevenção, me desarmo, me “entrego.”

Mas tanto o observador quanto o observado é preciso acentuar mostram habitualmente um aglomerado de atitudes-intenções simultâneas, o que pode tornar a “leitura” difícil. Ou difícil a compreensão das relações pessoais, em geral ou em certo momento.

Estudos de gravações simultâneas de duas pessoas em diálogo, mostram que elas “dançam” em certa harmonia sempre que estão se entendendo. Esse fato, bem “objetivo”(!), pode ser a base da compreensão espontânea que em certos momentos felizes pode ocorrer entre duas pessoas (empatia e/ou amor). Pode explicar, também, certas antipatias igualmente espontâneas.

### *Aprendizado fácil*

Em grupos de enfermeiras às quais se demonstravam estes fatos notou-se que, após as aulas, elas se mostravam excepcionalmente capazes de perceber rapidamente as expressões umas das outras. Dado o pequeno número de aulas, ficaram os experimentadores confusos frente aos resultados.

Posso compreender perfeitamente este fato pois o mesmo aconteceu nos meus grupos de estudos. As pessoas sempre souberam ler a expressão não-verbal. **É um conhecimento deveras pré-verbal, instintivo, primário.** Nossa educação nos faz descrever desse conhecimento (“é proibido criticar sua majestade”...). Quando, em grupos de estudo, uma “autoridade” afirma e mostra que essa leitura é natural e evidente, em todos se reanima o que já sabiam mas que era proibido acreditar...

Nesse caso, o “professor” (autoridade) não **ensinou**. Ele **autorizou** os alunos a verem o que já estavam vendo. Anulou o decreto...

### *O corpo fala?*

Espero esteja claro, a esta altura, que o corpo fala e, ao mesmo tempo, que nós estamos impedidos de ver o que ele vive falando ou mostrando.

Ouvi-lo e VÊ-LO significa envolver-se e é perigoso. Compromete todos os valores estabelecidos de distância formal, social, profissional, preconceituosa ameaça fazer ruir toda a pirâmide de Poder.

Claro, também, que o segredo manifesto do corpo que fala até grita é a mais perigosa arma contra o autoritarismo até hoje dominante. Se nunca posso criticar sua majestade conclui-se, em boa lógica, que sua majestade é perfeita!

Mas a perfeição não é só de sua Majestade. É também de todo o Sistema, de nossos Sagrados valores Tradicionais e de toda a Liturgia Social, toda ela feita muito mais para esconder o que é feio do que para realizar o que seria bom.

Guiados por tão excelentes autoridades e em um mundo tão maravilhoso, para que começar a ver que não é nada disso?

Os caminhos nem tão secretos da cooperação humana

*“Sob a aparente desordem da cidade antiga, sempre que ela funcionava a contento, havia uma ordem maravilhosa mantendo a segurança nas ruas e a liberdade da cidade. É uma ordem complexa. Sua essência é a intimidade no uso das calçadas, trazendo consigo a constante **sucessão de olhos** (textual, sublinhamento meu). Esta ordem é toda ela composta de movimento e mudança e embora seja vida, e não arte, podemos denomina-la de arte da cidade e compara-la à dança. Não à dança simplória de precisão com todos levantando a perna ao mesmo tempo, girando em uníssono e inclinando-se em massa, mas sim a um intrincado balé no qual todos os indivíduos e grupos de dançarinos têm papéis distintos que miraculosamente determinam uns aos outros, compondo um todo ordenado.”* (Jacobs apud Johnson, 2002, p. 51)

Na página 51 do livro “Emergence,” de Steven Johnson, encontro o texto citado, proveniente do livro, “The Death and Life of Great American Cities,” de Jane Jacobs, Vintage, N.York, 1961. Traduzido por mim.

*“Um estudante de graduação, sob a orientação de Edward T. Hall, escondido em um carro abandonado, filmou crianças brincando no pátio de uma escola na hora do lanche. Gritando, rindo, correndo e pulando, cada uma parecia estar fazendo o que queria na mais completa desordem. Mas uma análise cuidadosa revelou que o bando se movia a um mesmo ritmo. Uma menina, mais ativa do que os demais, percorria todo o pátio de escola em suas andanças. Hall e seu estudante perceberam que a garotinha, sem querer, era a “diretora” ou a “orquestradora” do grupo. Buscando, os investigadores encontraram uma música que se adaptava à cadência silenciosas. Quando a tocavam e projetavam o filme, tudo se passava como se cada garoto estivesse dançando exatamente como a melodia propunha. Mas não havia música nenhuma no pátio! Conclui Hall: Sem perceber estavam todos se movendo a um ritmo criado por eles mesmos ...uma corrente inconsciente de movimentos*

*sincronizados unia o grupo’.”* (Blom, 2000, p.76)

Porque todos combinam seus movimentos sem querer e sem saber? Porque se todos combinarem, a dança será uma só e nos sentiremos fortes e seguros.

Porque todos combinam seus movimentos sem querer e sem saber? **Porque estão se vendo**, respondendo uns aos outros, gerando espontaneamente a dança da solidariedade humana.

## Concluindo

Estas duas citações e os fatos lembrados que nos permitem compreendê-las, nos levam a uma conclusão animadora. O “Cérebro Global”, em formação continua desde os primórdios da vida, não é apenas intelectual. Ele é também emocional, afetivo e motor dançante e cantante!

Mas para abrir esse caminho era preciso...abrir os olhos começar a ver o semelhante. Foi a tarefa maior de Reich. Tanto meu próximo quanto eu nos mostramos sem perceber que nos mostramos.

Esse ver-mostrar é o concreto da solidariedade humana.

Será que a Luz está se fazendo? Será que estamos começando a nos ver a ver o que estamos mostrando uns para os outros o tempo todo?

Será que sem saber até sem querer estamos começando a ficar transparentes?

## Referências

Blom, H. (2000). Global Brain. Nova York: Willey.

Johnson, S. (2002). Emergence. Penguin Books.

Endereço:

José Ângelo Gaiarsa

Rua Dr. Paulo Vieira, 407 Apto 21 Sumaré

01257-000 São Paulo SP

e-mail:

*Manuscrito recebido em 30 de outubro de 2002.*

*Manuscrito aceito em 31 de março de 2003.*